

OE03: O uso tecnologia da informação nas prefeituras - dificuldades e caminhos

Participantes:
Hector Sousa
Cátia Muniz
Paulo Miranda

[Trilha]

Hector Sousa: Bem-vinda e bem-vindo ao podcast meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. Esse podcast faz parte do projeto traDUS, uma iniciativa para promover ações de educação urbana da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, a UFERSA. Estamos aqui neste episódio para continuar com o tema de cidades inteligentes. Para tocar essa conversa, está aqui comigo: Cátia Muniz.

Cátia Muniz: Olá Hector, olá ouvintes do Meio-Fio. No episódio de hoje vamos dar continuidade a nossa série sobre os objetivos estratégicos da Carta Brasileira para Cidades Inteligentes. Vamos conversar sobre estabelecer sistemas de governança de dados e de tecnologias, com transparência, segurança e privacidade. Para conversarmos sobre esses temas, batemos um papo com o Paulo Miranda. Paulo, seja bem-vindo ao podcast Meio-Fio.

Paulo Miranda: Olá a todos que estão nos ouvindo, é um prazer muito grande tá participando desse podcast. Eu trabalho com tecnologia da informação há mais de cinquenta anos, né? Eu comecei nisso ainda muito jovem quando entrei na universidade e de lá pra cá eu tenho atuado sempre ou na área mais técnica de tecnologia, de onde eu me afastei já muito cedo e migrei mais pra área de gestão de tecnologia e nos últimos vinte, vinte e cinco anos aí, com um foco principal na gestão de tecnologia em governo. E aí nessa, nesse campo da do setor público eu dirigi algumas empresas né? Fui diretor técnico na PROCERGS, lá no Rio Grande do Sul, fui presidente da CELEPAR no Paraná, que é a empresa de tecnologia do estado do Paraná, fui dirigente regional no Cepro, fui também secretário de tecnologia e inovação na Prefeitura de Curitiba e presidente na empresa de tecnologia da Prefeitura de Porto Alegre, né? Agora, desde o início de 2012 eu sou presidente da MultiRio. Então são cinquenta e dois anos já hoje aí de atividade sempre vinculada a tecnologia.

Cátia Muniz: Como você ouviu no episódio de abertura dessa série, a Carta Brasileira para cidades inteligentes apresenta oito objetivos estratégicos. A proposta no terceiro objetivo é que os governos tenham uma estrutura e pessoas dentro da prefeitura responsáveis por gerenciar dados e tecnologias com transparência, segurança e privacidade, garantindo um ambiente digital seguro nas cidades. Devem, por exemplo, garantir que os seus dados, número do seu CPF, seu RG, seu endereço e nome das pessoas de sua família estejam protegidos. Além de permitir que você possa acessar facilmente dados públicos sobre a cidade.

[Trilha]

Cátia Muniz: Paulo, é muito bom ter você aqui e ouvir a partir da sua experiência de gestão de tecnologia em diversas empresas, órgãos e diferentes níveis de governo. Então, nós vamos começar o nosso bate-papo, eu acredito que nessa sua trajetória você deve ter passado pela experiência de gestão e de governança de TI. Você poderia nos explicar um pouco o que é governança de TI, e se há diferença entre gestão e governança de tecnologia da informação?

Paulo Miranda: Trazendo já pra essa visão do uso de tecnologia em governo ou até mais especificamente nos municípios, né? Nós podemos ver que se comparamos com outros setores da sociedade, a tecnologia em governo ela ainda apresenta, eu não vou dizer eh falhas, mas eu diria um certo atraso, né? Em relação aos avanços que a gente vê em outros setores. Muito desse atraso eu atribuo, na minha experiência, na minha avaliação, a falta desse processo de governança que implicaria eu considerar todos os aspectos relacionados ao uso de tecnologia a aplicação de tecnologia em todas as atividades de governo, né? Mas eu considerar isso desde o princípio, ou seja desde o momento em que eu, eu como gestor público estou me organizando para me candidatar a prefeito, por exemplo, numa cidade, né? É normal que o prefeito, o candidato a prefeito forme uma equipe, e nessa equipe ele comece a pensar as linhas gerais do seu governo e pense sempre nos aspectos relacionados à saúde, à educação, nas cidades um pouco maiores ao transporte público, né? A assistência social, então ele pensa em todos esses aspectos e considera os aspectos relacionados a orçamento, a recursos humanos, a recursos materiais, né? Se eu preciso ter máquinas, se eu preciso ter instalações de prédios, de escola, ambulatórios médicos e por aí vai. E raramente, né? A gente vê o uso da tecnologia ou agregação de tecnologia como parte dessas preocupações, né? Dos formuladores de proposta pra um plano de governo. E como isso não vem desde o começo como uma preocupação, na hora da execução, né? Quando o candidato ganha a eleição e assume a prefeitura também né? Como regra geral assim as questões de tecnologia são

negligenciadas, elas muitas vezes são delegadas, né? Ou pro fornecedor né? A prefeitura, algumas pequenas prefeituras lá contratado uma empresa que toma conta, né? Da do sistemas básicos da prefeitura, tal e essa coisa termina normalmente desconectada duma visão mais ampla da gestão. Isso é um fenômeno em geral nas cidades menores, mas nós temos grandes capitais no Brasil que tem a mesma questão. Então a questão da governança, ela está relacionada diretamente aos problemas que nós temos hoje em geral de baixa agregação de tecnologia nos processos de gestão e nos serviços de governo, né? E faça uma ressalva apesar de que nos últimos anos tem havido um esforço muito grande, né? Eh do governo federal e a partir de grupos que reúnem também os governos estaduais e muitas cidades, com foco na melhoria dos serviços ao cidadão, né? Então isso tem apresentado alguns avanços que representam uma melhoria nessa relação do cidadão com os serviços do federal, usando tecnologia, bastante também em alguns estados, né? Vários estados tem se preocupado com isso, mas na grande maioria dos nossos municípios, isso ainda é um objetivo muito distante, né? Então, se eu faço uma visão geral assim. Eu posso dizer isso, e isso é demonstrado, por exemplo, quando nós temos uma pesquisa, né? De eh movida oh ou organizada lá pelo CETIC, pelo comitê gestor da internet do Brasil, os resultados mostram que quase metade ou em torno da metade, né? Dos mais de cinco mil e setecentos municípios brasileiros não têm sequer uma pessoa dentro da sua estrutura pensando no uso de tecnologia, né? Então, isso mostra que a tecnologia ainda não tá, se a gente mostrar uma visão geral do Brasil, incorporada aos processos de governança na gestão pública.

Cátia Muniz: Legal. Então, para a gente simplificar, digamos que a gestão de TI estaria mais preocupada com aquele dia a dia do computador que quebrou, do sistema que parou de funcionar, da impressora que precisa ser consertada. Enquanto que a governança de TI está mais preocupada em como é que eu vou usar a tecnologia nos processos estratégicos, dentro dos planos, como é que a tecnologia pode ajudar numa política de mobilidade, de ampliação dos serviços de saúde ou até mesmo de ensino-aprendizagem no município. Como você pode explicar essas diferenças para as nossas e nossos ouvintes?

Paulo Miranda: Nós temos problemas que são operacionais, e que tão relacionadas ali a implantação de sistemas, a evolução dos sistemas, ao funcionamento de todos os recursos e tecnologia que tão no nível da gestão da tecnologia da informação, e isso de alguma forma, cidades, estados e governo federal fazem. Alguns com mais competência, outros com menos competência, muitas vezes até pelas dificuldades que têm de disponibilidade de recursos locais, né? Mas quando nós falamos da governança é bem como você colocou, nós temos um outro nível que é, eu quando estou pensando nos no

projeto pra educação, né? No plano de governo pra educação, eu pensar junto como a tecnologia pode ajudar a atingir esses objetivos, essas metas na educação. Vale o mesmo pra saúde, vale o mesmo pra mobilidade urbana, vale o mesmo pro crescimento urbano da cidade, né? Pro funcionamento da cidade como um todo, toda parte de zeladoria da cidade que pode se beneficiar muito pelos recursos técnicos, inclusive com a entrega pro cidadão de um maior poder dele participar dos processos decisórios, por exemplo, de obras, de investimentos ou dele puder se comunicar mais facilmente com o serviços de manutenção urbana de forma a rapidamente identificar problemas e corrigir esses problemas, como iluminação pública pifada, buraco na rua, problemas de trânsito, problemas em geral aí da ocupação, do território na cidade. Então a governança, ela é pensada não como um problema tecnologia, ela é um problema da administração, né? Eu quem tem que estar preocupado com isso é o prefeito, o governador, é o secretário, eles tem que pensar que precisam ter pessoas junto ao secretário da educação, ao secretário da da fazenda, ao secretário da saúde e etc., que vão ajudar a pensar como a tecnologia pode ser agregada aos seus processos, aos serviços públicos, aos projetos no setor público, né? De forma a gente melhor atingir aqueles objetivos que são previstos. Então nós não tamo falando da questão de tecnologia especificamente, nós tamo pensando em como a tecnologia pode melhorar, né? O desempenho do governo e pode melhorar os serviços ao cidadão.

Cátia Muniz: Paulo, o que você acha que as prefeituras podem fazer para avançar nesse uso de tecnologias da informação?

Paulo Miranda: Quando nós falamos de prefeituras nós estamos falando dum grupo que é muito heterogêneo. Nós temos que ter soluções mais adequadas às características, né? Pelo menos por por portes de cidade, as cidades grandes, as de porte médio, as médio-pequenas e as muito pequenas e aí como já vai aumentando o número dessas cidades, também a gente aí tem que ter uma lupa maior assim pra entender que cada cidade dessa aí vai ter... qual é a vocação da cidade? Qual é a fonte de renda dessa cidade? Se ela é uma cidade industrial, uma cidade turística, uma cidade dormitório? E cada cidade dessas tem demandas diferentes, tem necessidades diferentes e vai ter recursos e acesso a recursos também de forma diferente, né? Eu não tenho estatísticas a esse respeito, mas eu tenho uma uma uma percepção, uma formação assim de opinião, né? De convicção muito forte de que grande parte ou a maior parte dos nossos gestores públicos ainda tem uma deficiência muito grande de informação, não como técnicos de tecnologia da informação, não é isso que precisa, mas eles precisavam ter um apoio de formação, de capacitação para entender o quanto tecnologia hoje é fundamental e é estratégica pra boa gestão pública. O bom desempenho de qualquer gestor público hoje

depende de vários fatores, depende, sabe? Das suas competências de gestor, da qualidade dos seus processos, da qualidade da equipe que ele tem, da quantidade de dinheiro que ele tem, mas também hoje depende fundamentalmente da qualidade dos sistemas de informação que ele tem e de como ele usa a tecnologia a favor dessa sua gestão. Então, se a gente olhar, no uso, no funcionamento das cidades, a gente vê, por exemplo, um posto de saúde que tem lá as fichinhas em papel e que as filas, a pessoa pra ser atendido tem que esperar na fila a vez dela, tem um serviço muito pior, de pior qualidade e que atende pior o cidadão do que uma estrutura de saúde que têm sistemas de informação de boa qualidade e que o cidadão possa agendar uma consulta, que o cidadão possa saber antes de sair de casa qual lugar vai efetivamente resolver o problema dele. É fácil da gente enxergar como a tecnologia pode ajudar a resolver esses problemas, e às vezes é difícil de entender como é que a gente ainda não fez isso em todas as cidades, né? Nós temos cidades como Porto Alegre que o cidadão, se ele vai numa Unidade Pronto Atendimento, numa UPA, né? Da Secretaria da Saúde e lá é identificado um problema e ele tem que ser levado pro hospital, esse diagnóstico é feito na UPA e ele sai da UPA já para um hospital com o leito disponível pra ele e pro hospital que vai atender aquela necessidade que ele tem, aí a gente diz assim “mas isso não é em todos os lugares?”, não. Nós temos na até nas maiores cidades do Brasil ainda hoje o problema de gestão, né? Da ocupação de leitos é resolvido muitas vezes por telefone ainda. Entende? “Olha eu tenho um paciente aqui você tem vaga e tem leito disponível tal?”, o que é um absurdo com os recursos tecnológico que a gente tem à disposição. Então só pra trazer um exemplo simples assim e a gente ainda tem em muitas grandes cidades do Brasil, país que tem que passar a noite na fila, né? Pra lá, dali a dois três dias quando abrir a matrícula ele conseguir vaga pro filho dele naquela escola. Quando isso é uma coisa absurda. Se a gente pensar que os alunos estão matriculados, a escola sabe quem vão ser seus alunos no próximo ano. A rede municipal ou estadual de educação sabe quem são os seus alunos e tem uma boa noção de quais vão voltar no ano seguinte, pelo menos a maioria, e aí eu poderia simplificar todo o processo de matrícula e a pessoa não precisar sair de casa, como eu faço hoje pra abrir uma conta bancária, né? A raiz do problema não está nisso, a raiz do problema tá em que o nosso gestor público, ele não pensa que isso, né? O uso de tecnologia é uma das principais questões estratégicas pra eles. Pra desempenhar bem em qualquer área que ele vai atuar na gestão pública, segurança, transporte, saúde, educação, habitação, assistência social, ele tem que desde o começo pensar como ele vai ter a tecnologia como aliada dele, e se ele não tem essa competência, eu acho que o gestor público não precisa ter todas as competências seria, né? Um super-homem, mas ele tem que poder se cercar de pessoas que o ajudem a pensar essas questões a partir do interesse público, a partir dos seus objetivos, né? Estratégicos como prefeito, como secretário, né? Como gestor público. E aí o caminho sempre que eu acho, eu acho que o

fornecedor privado ele é importantíssimo, ele é um auxiliar importante pra fazer as coisas acontecerem, torná-las reais, mas ele não é o melhor conselheiro. E é natural que ele não seja o melhor conselheiro. O fornecedor privado, ele tem o interesse, eu já fui diretor de empresa privada, e o meu interesse era fazer minha empresa sobreviver, então eu estou buscando o melhor negócio pra minha empresa, pra ela se manter e crescer e isso é natural, honesto, não tem nada de errado nisso. O erro é eu achar que esse eu, prefeito, achar que aquele fornecedor privado está pensando a partir do interesse público. Não posso esperar isso dele, não posso cobrar isso dele. Agora eu posso buscar na região onde está inserido o meu município, as universidades que existem ali, eventuais centros de pesquisa, mas pelo menos a universidade que seja a referência regional para aquele município, e aí eu também posso trazer um exemplo bom disso assim, por exemplo, lá no norte do Rio Grande do Sul tem uma uma microrregião lá, que a principal cidade de influência, lá o polo, né? Da região é a cidade de Ijuí, a cidade de Ijuí tem uma universidade de porte médio, privada, lá no interior do Rio Grande do Sul, mas que é uma universidade que tem pro padrão de interior é uma grande universidade, ela tem todas as áreas de formação, tem bons professores, boa articulação com o exterior, ela tem um foco maior no agronegócio, porque é a vocação daquela região, tal. Mas ela faz um trabalho de articulação daquela área geográfica de influência da universidade, com vários projetos, né? De apoio às municipalidades, tal. Então é um ótimo exemplo, né? De assim, como o prefeito que não tem o recurso na sua pequena cidade, mas ele tem uma universidade que é a referência regional, né? Então eu digo, esses são arranjos que fazem parte do modelo de governança. Eu sou prefeito numa cidade pequena, eu não tenho universidade aqui na minha cidade, eu tenho dificuldade de trazer profissionais pra minha cidade, mas a questão governança de TI, de como é que eu preparo os meus projetos, como é que eu estruturo projetos pra... como é que eu identifico fontes de financiamento, que existem montes de fontes de financiamento? Como é que eu tenho acesso a essas fontes, como é que eu organizo, descrevo o meu projeto de forma que eu possa, orçá-lo adequadamente e ir atrás do recurso, buscar um patrocinador pra esse projeto, mesmo pro meu deputado lá uma emenda parlamentar que vai trazer o dinheiro pra eu viabilizar o projeto. Isso, eu como prefeito de uma pequena cidade preciso de ajuda e devo buscar essa ajuda e aí o meu processo de governança vai ser esse eu vou desenhar quais são os projetos, como é que a tecnologia entra nisso, e depois eu vou executar isso e aí vou contratar, eventualmente aquela boa empresa que tem na minha cidade ou na cidade vizinha, mas aí eu já estou executando aquilo que o governo decidiu que era estratégico, que cabia no orçamento dele, que ele buscou recurso pra viabilizar aquilo. Isso é governança.

Cátia Muniz: Paulo, você pode contar um pouquinho como é que se dá essa operacionalização da governança de tecnologia da informação dentro da gestão pública, dentro das repartições, dentro da municipalidade?

Paulo Miranda: Isso a gente tocou um pouco no começo aí quando nós falamos conversando sobre essa coisa até da heterogeneidade dos nossos municípios e que logicamente quando a gente começa a pensar em municípios médios, menores, a gente começa a ter mais dificuldade, né? De pensar em como estruturar essas coisas. Qualquer que seja o porte do município é importante a gente ter, primeiro, segundo escalão de governo, pessoas que pensem estrategicamente o uso de TI, pode ser uma secretaria de tecnologia, mas pode ser também uma assessoria, nós estamos falando como é que a gente agrega melhor o uso de tecnologia nos diversos projetos da prefeitura. Então isso tem que tá próximo do centro decisório, tem que tá lá próximo do Prefeito e lógico que pode ser difícil isso tá estruturado, como Curitiba fez um determinado momento que foi importante pra criar uma estrutura de governança, pode ser difícil em municípios menores, mas pode ser uma pessoa, pode ser o secretário de planejamento que tem a visão de planejamento, mas que tem a visão de quão estratégico é o uso de TI e de quais são os principais usos estratégicos da TI na gestão, e ele pode também buscar isso olhando outros municípios, olhando bons casos, e que tenham avançado mais, que tenham bons resultados. Então, uma coisa é essa de eu ter alguém pelo menos por menor que seja o município, mas tem alguém com uma cabeça, vamos dizer mais de estratégia, de agregação de tecnologia a gestão daquele município. Lógico, se eu tenho uma estrutura maior no meu município e eu posso ter uma equipe, ter um time pensando o uso de tecnologia do município, isso vai ser melhor e se eu posso ter também pessoas, principalmente nas grandes secretarias, educação, saúde, manutenção urbana e por aí vai, pensando nisso, né? No uso estratégico da TI sob a coordenação dessa pessoa ou desse órgão, dessa equipe que tá próxima do prefeito. Então eu já tenho um modelo de governança que é isso, eu tenho uma coordenação central e na medida em que eu tenho recurso e posse, eu vou colocando pessoas ou equipes nos diversas órgãos setoriais da administração que vão pensar os desafios nos usos de tecnologias praquele órgão, mas que vão alinhar isso numa coordenação central, pra eu não ir na educação prum determinado caminho, da saúde prum outro caminho, porque no final das contas o cidadão que usa os serviços da educação é o mesmo cidadão que usa os serviços da saúde, é o mesmo cidadão que eventualmente usa os serviços da assistência social, e por aí vai. Quanto mais eu puder integrar isso, melhor o uso da informação eu posso trazer a partir de uma visão que não centraliza operação, não é trazer tudo e centralizar todo processo decisório, mas é fortalecer o processo de coordenação que pra mim é um dos pontos fortes da governança, da gente fazer coisas que tenham que todas somem na

mesma direção, e que eu possa, por exemplo, se eu vou fazer um investimento de infraestrutura pra viabilizar um projeto da educação, essa infraestrutura tem que puder atender também às necessidades da saúde, da assistência social e etec. Todo o esforço de sistemas de uso de tecnologia na administração pública é pra melhorar a vida do cidadão na cidade. Tem que ter essa visão e tem que ter a visão de que todos esses investimentos eles tem que somar pra que no final do dia a vida do cidadão fique melhor, fique mais fácil, mais simples. Mas sempre, sempre, qualquer prefeito que assume uma cidade, ele tem uma visão, ele tem um projeto para aqueles seus quatro anos e se possível os oito anos, e aí ele tem que desde o começo ter alguém que ajude ele, também do lado de tecnologia pra que esses projetos se desenvolvam de uma forma mais fácil, mais coerente e mais alinhada com essa visão, né? De que cidade esse prefeito quer legar ao final da sua gestão.

Cátia Muniz: Nós gostaríamos de ouvir também um pouquinho de qual a importância de ter uma governança de TI bem estruturada nos processo para promover cidades inteligentes, sustentáveis e que pensam nas pessoas?

Paulo Miranda: Nós temos assim muita distorção nesse conceito, né? Na medida em que vender tecnologia pra cidades é um mercado imenso, e isso vale eu vender GPS pra ônibus, eu vender bilhetagem automática pra ônibus, eu vender automação de posto de saúde, eu vender semáforos inteligentes pra uso da cidade, pra organizar o trânsito e por aí vai, eu vender lousa eh digital pra botar em todas escolas. Então fornecedores em geral de tecnologia, eles rotulam seus produtos como um produto que transforma a sua cidade numa cidade inteligente. Isso se não melhorar a vida do cidadão, não torna a cidade inteligente. Outras coisas são elementos importantes pruma cidade se tornar mais inteligente dependendo do uso efetivo que aquilo tiver. Eu posso trazer exemplos assim de grandes cidades do Brasil, aqui mesmo no Rio de Janeiro, teve uma iniciativa muito importante que é o centro, né? De comando e controle da cidade do Rio de Janeiro, que tem todo o sistema de monitoramento da cidade. O Rio é uma cidade que tem muitos eventos de muito grande porte, e que tem esse problema de na hora que o evento termina tu tem que puder retirar as pessoas daquela região e rapidamente distribuí-las pela cidade pros seus pontos de destino, e isso o centro de comando e controle do Rio já tem experiências bem interessantes de resolver problemas que são de logística, né? Como é que eu coloco num terminal de ônibus, o número de ônibus disponíveis pra atender aquele volume de fluxo de pessoas que está chegando naquele terminal, naquele exato momento. Isso é uma ação típica de smart city, né? De se melhorar a inteligência da cidade a partir do uso de tecnologia. Tem muitas ações, pegando Curitiba como exemplo, que a transforma numa cidade mais inteligente sem usar a tecnologia, porque é bem

nesse conceito que tu falas de que é que ações eu posso fazer que pode ser só de integração de tecnologia já existentes, coisas que já estão disponíveis. Depende só disso, de cabeça, de pensar, de entender a estratégia do governo e melhorar o funcionamento da máquina. Lógico que a tecnologia é um grande aliado potencial, mas ela não é o começo, nem é o fim. O começo é a necessidade da cidade, um bom exemplo de cidade inteligente com pouco uso de tecnologia, foi implantação do sistema de BRT em Curitiba lá no início dos anos setenta. Foi um modelo inovador, criou um modelo de transporte com alimentadoras, com eixos principais de transporte, que no começo usava ônibus e via urbana. A cidade inteligente é isso, é a cidade que olha pro cidadão, olha quais são as necessidades do cidadão, e ver como atendê-lo melhor, sempre sabendo que a tecnologia é um bom aliado, eu posso melhorar muitas coisas, como já falamos aqui um monte delas, mas a tecnologia não é o fim, eu não transformo uma cidade inteligente enchendo ela de semáforo automatizado, iluminação por led, que, sabe? Tem timer lá que aumenta ou diminui a iluminação. Isso só tem função se eu tiver zonas com problemas de segurança, com fluxo de pessoas. Cidades que durante a noite tem avenidas que não tem movimento nenhum, é um desperdício, é jogar dinheiro no lixo, eu colocar iluminação com regulação automática de intensidade, entende? Então, eu digo assim, a inteligência não tá na tecnologia que eu tô usando, a inteligência tá na aplicação que eu faço da tecnologia pra melhorar a vida do cidadão, nas questões de habitação, de saneamento, qualidade de vida associado a transporte, saúde, educação, geração de emprego, né? E isso, sempre pensando numa forma integrar, quanto mais integração mais inteligente é, quanto mais isso muda a vida do cidadão pra melhor, mais inteligente é. Então assim, pra mim, a questão do uso da tecnologia, hoje se usa também bastante essa expressão da transformação digital, que é eu olhar o que eu faço hoje e ver como eu posso botar tecnologia pra fazer isso de uma forma melhor, quer seja pelo lado da eficiência, quer seja pelo lado da melhoria dos serviços, dar mais e melhores serviços pro cidadão, né? E isso se eu fizer uma boa, um bom processo de transformação digital numa cidade, quer ela seja pequena, média ou grande, vou melhorar a vida do cidadão e aí vou transformar essa cidade numa cidade mais inteligente.

[Trilha]

Cátia Muniz: Estamos finalizando o nosso bate papo de hoje sobre o terceiro objetivo estratégico da carta, que teve a participação do Paulo Miranda. Agradecemos por aceitar o nosso convite Paulo, vou deixar aberto pra você fazer seu comentário final e também se despedir das nossas e dos nossos ouvintes do podcast.

Paulo Miranda: Acho esse tema, né? Da governança de tecnologia no setor público, um tema apaixonante, eu acho que muitas discussões são empobrecidas às vezes aqui no Brasil porque a gente termina reduzindo isso há um problema de dinheiro e compra de tecnologia, e muitas vezes a gente vê o próprio, sabe? O próprio Governo Federal, às vezes o próprio presidente da república falando coisas de que não, nós temos que comprar a tecnologia tal, do fornecedor tal, que são coisas assim absolutamente, na minha visão, que mostram o nosso atraso nessa questão do uso de tecnologia. Eu acho que é uma questão dramática assim aqui no Brasil. Então esse trabalho de vocês é fundamental, é um podcast como esse é fundamental, e eu espero que ele tenha um grande alcance, todas essas iniciativas no sentido de a gente ajudar os nossos prefeitos a melhor utilizar a tecnologia para melhorar a vida de todos na cidade. Obrigado a todos que nos ouviram nesse podcast, né? E eu fico sempre à disposição de vocês. Um abraço grande.

Hector Sousa: Então acompanhe os episódios que estão por vir. Se ainda não nos seguem, deixo aqui o convite para que sigam o podcast Meio-fio no seu agregador preferido de podcast. Estamos no spotify, apple podcasts, castbox, google podcasts, entre tantos outros. Nos sigam também no instagram para mais conteúdos sobre a carta e outros assuntos no @projetotradus. Voltaremos em breve com mais conteúdos para vocês. Até o próximo episódio.

[Trilha]